

## Um novo olhar sobre o desenho e a escrita

Zelma Regina Bosco\*

As pesquisas de Emília Ferreiro e seus colaboradores divulgadas no final da década de 1970 vieram revigorar as discussões empreendidas sobre aquisição de leitura e escrita na literatura especializada da época. Ancorada no cognitivismo piagetiano, Ferreiro (1979/86) promoveu o gesto inaugural que permitiu reconhecer os traçados precoces realizados pela criança como precursores da escrita infantil, identificando-os como representativos do período pré-silábico, manifestações gráficas que, em princípio, são reconhecidas pela criança ora como desenho, ora como escrita.

Nosso trabalho insere-se no âmbito das discussões sobre o tema ao tomar como objeto de investigação a produção gráfica infantil realizada na pré-escola. Nas discussões empreendidas em nosso texto de 1999,<sup>1</sup> Emília Ferreiro colocou-se como importante interlocutora, não para nos incluímos em uma corrente teórica cognitivista que busca explicitar o enigma acerca da constituição da escrita infantil como resultante do desenvolvimento cognitivo, mas, ao contrário, para dela divergirmos e nos afastarmos.

Assumindo uma perspectiva teórica interacionista,<sup>2</sup> questionamos a hipótese de Ferreiro sobre um rompimento definitivo entre desenho e escrita como necessário à constituição da escrita infantil. Buscamos (re)interpretar a relação entre desenho e escrita, reconhecendo a possibilidade de a letra advir do desenho por um movimento que se dá como efeito do trabalho do significante. Para tal leitura, tomamos os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança em aquisição de linguagem, (cf.

\* UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.

<sup>1</sup> Baseamo-nos em produções pré-escolares de crianças na faixa etária entre 3 e 5 anos, tendo a escrita do próprio nome como *locus* privilegiado em nossas reflexões.

<sup>2</sup> Conforme Lemos (1992), Pereira de Castro (1998), Mota (1995), entre outros.

Lemos, 1992), e apontamos para o possível retorno do desenho (re)significando um universo gráfico novo que se apresenta à criança: as letras.

Considerando os episódios de desenho e escrita que analisamos, verificamos deslizamentos entre desenhos, letras e, inclusive, números que se dão a partir de traços que, de alguma forma, se revelaram heterogêneos em relação à série que eles compõem, possibilitando a emergência de um processo associativo. Essas séries postas em relação recobrem-se, formando uma trama com inúmeros pontos de entrecruzamentos, que se constituem como diversas possibilidades de cortes. Quando uma representação emerge, esta pode ser um elo intermediário na cadeia de associações ou pode se constituir como ponto de partida de uma nova série de associações. Note-se que não se trata de dois fluxos unificados: uma primeira série de significantes que se encontra com uma segunda série – não há primeiro termo, assim como não há começo e fim absolutos.

Desenho e letra, esvaziados de sentido, superpõem-se e recobrem-se em um processo de entretecimento. A condensação, pela superposição e entretecimento de traços, dá lugar à metáfora, que faz emergir efeitos de semelhança e diferença entre o desenho e a letra. Num movimento metonímico, um deslocamento se dá possibilitando a invenção de um novo elemento, que traz em si vestígios do desenho e da letra. Esse novo elemento, significante forjado na relação entre traços, vai substituir, parcial e temporariamente, uma das letras na cadeia escrita do nome da criança.

Por essa via, identificamos a letra "R" do nome de Guilherme Luís (4;0) em suas produções. É difícil reconhecer nas produções dessa criança o desenho como anterior da letra. Em meio ao emaranhado de traços realizados por GL, ao mesmo tempo em que seu desenho adquire os primeiros contornos, verificamos a emergência de algumas letras. Num determinado momento de suas produções, no segundo ano do Maternal, seu homenzinho cabeçudo, desenho da figura humana (Fig. GL-41, abaixo), como que despido dos detalhes que lhe dariam ares de desenho, parece conter traços que, numa seqüência linear de letras, serão identificados e reconhecidos pela professora como a letra "R", tal como aparece na cadeia de letras "IHMGEELIS\*", ocupando a posição de "\*" após a letra "S" (Fig. GL-15, seta 1).



Fig. GL-41

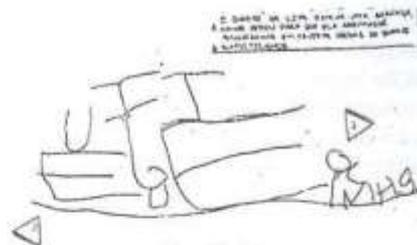


Fig. GL-16

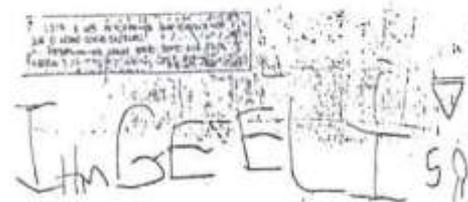


Fig. GL-15

Em produção posterior, apesar de sua realização gráfica não atender ainda à linearidade própria da escrita, identificamos na cadeia escrita todas as letras que compõem seu nome – GUILHERME LUÍS: treze letras –, a saber: "EGUELMHSL\*IUU", com a posição "\*" sendo preenchida pela figura que evoca seu desenho da figura humana (Fig. GL-16, seta 1). A emergência da letra "R" no nome de GL, tal como ela apresenta-se nos dados, deve-se ao fato de aí flagrar-se o mecanismo formador do significante.

Para que essa figura ganhasse estatuto de letra, foi preciso que sua natureza de imagem se esvaziasse. Como material literal, esses traços desprovidos de significação foram passíveis de ser lidos literalmente, adquirindo seu estatuto ao se inserir em cadeias de letras. O valor de letra "R" será dado, então, pelo lugar que esse significante ocupa na cadeia de letras do nome de GL. Ao emergir numa cadeia cujos elementos constitutivos são reconhecidos como letras, esse significante retroage e articula-se com os outros elementos dessa cadeia assumindo o valor de letra. Não há, pois, um sentido original, prévio, dado de antemão à inserção do significante numa cadeia – é a *posteriori* que o sentido se faz. Eis o caráter retroativo da determinação do sentido: só a cadeia confere ao significante seu valor.

Dessa forma, a escrita infantil revelou-se originária de uma operação que, pela via do traço, desenho e letra foram postos em função significativa, forjando um novo significante por um processo de ciframento que, segundo Allouch (1994) é da ordem do escrito – o que escreve o escrito. Daí a possibilidade de a produção infantil deslizar de um desenho para uma letra ou número e reciprocamente.

Essa tomada do significante “ao pé da letra” dá-se pela via obrigatória de um apagamento que permite ir além da aparência de uma imagem, sustentando uma leitura que chega às raízes do grafo. A substituição de um significante por outro é possibilitada por essa leitura literal sustentada pelo apagamento que, no entanto, guarda vestígios, restos que permanecem latentes na cadeia significante.

Reconhecemos esse “elemento-suporte” que substitui a letra “R” como efeito do trabalho do significante. A eficácia deste trabalho não se faz por fidelidade a um suposto original. Admitir uma origem seria aceitar que, numa série de significantes, possa existir um primeiro termo imutável, sempre idêntico a si mesmo, presença permanente para cópias distorcidas.

Não é mais um desenho, não é ainda uma letra. A distorção apresentada pelo “R” no nome de GL não é atribuída por nós a uma figuração mal feita, mas como efeito da operação realizada pelos mecanismos de condensação e deslocamento, os quais Lacan vai assimilar à metáfora e a metonímia. Neste sentido, entendemos que, do desenho para a letra e reciprocamente, os processos metafóricos e metonímicos incluem um apagamento que sustenta, com o significante, a passagem de uma escrita para outra.

Recorrer aos processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança lingüística permitiu a Lemos (1992, entre outros) mostrar que a língua, em um movimento que lhe é próprio, aproxima fragmentos oriundos de diferentes cadeias, que se cruzam e se substituem na mesma posição. No jogo de semelhança e diferença que emerge dos termos postos em relação, as unidades se constituem e adquirem estatuto simbólico. Por esta via, entendemos que o desenho em sua relação com a escrita vai revelar um trabalho da língua, possibilitando-nos interpretar a articulação que se dá entre desenho e escrita como efeito de língua.

Pudemos reconhecer, então, que as letras germinaram como significantes no circuito simbólico estabelecido com os traços lidos literalmente; leitura esta que não se submete a uma regulação pela via do significado. Ou seja, as letras emergiram como manifestação de um **jogo de significantes** que, produzindo efeitos de semelhanças e diferenças entre o “novo” e o “já-dito”, vai revelar a letra.

Não devemos, entretanto, entender essa relação entre o “novo” e o “já-dito” em termos de sucessividade em uma linha de tempo cronológico, ou seja, um “presente”, que se dá a ver diretamente à percepção, e um “passado”, arquivo que conteria as marcas de um acontecimento vivido, de forma que a experiência mais recente apareceria em primeiro lugar. Todo o material significativo que compõe a escrita infantil procede da história da relação da criança com a linguagem, que deixou impressões, marcas, traços na memória capazes de ressurgirem quando reinvestidos; traços que constituem um texto psíquico que não é feito de palavras, mas como uma estrutura de traços cujo estatuto é de linguagem.

Não se trata, então, de um texto original, primeiro, composto por lembranças de acontecimentos, mas de um processo que implica diferenças de valor entre caminhos associativos possíveis. Está em jogo a memória tal como Freud a propôs, na qual “o material presente sob a forma de traços mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo, de acordo com as novas circunstâncias – a uma retranscrição” (Freud, 1986, p. 209).

Trata-se de uma memória cujas inscrições são organizadas em vários registros, estruturadas em várias dimensões, nas quais a impressão resultante de um mesmo acontecimento pode abrir caminhos associativos variados. Não há, pois, reprodução pura e simples. Na memória freudiana o traço mnêmico é proposto como diferença; não uma diferença preestabelecida, “mas diferença que se escreve em complexos trajetos associativos que constituem as representações” (Moraes, 1999, p. 31).

Sob a égide das diferenças, os traços mnêmicos, reinvestidos de modo particular, são transformados no só-depois em função de experiências<sup>3</sup> novas, ganhando novas (con)figurações, e isto não se faz sem produzir efeitos. Esse caráter diferencial do traço mnêmico aponta para seu inacabamento essencial que define a ausência de um elemento que seria primeiro, origem, uma vez que se trata de uma estrutura que é manifestação do significante e que não suporta a totalidade (cf. Mota, 1995).

Na metapsicologia freudiana, a percepção é definida como traço e este é feixe de relações; é significante, como (re)define Lacan. “A memória é transcrição e retranscrição de traços” que, por sua vez, se compõem e se recompõem resultando em um reordenamento dos traços, “que embora compondo sistemas, não obede-

<sup>3</sup> Não devem ser entendidas aqui como recepção e manipulação de dados empíricos por um sujeito constituído. Trata-se de experiências que nos expõe ao acontecimento; que exige que tenhamos passado por ela, submetendo-nos a ela; uma experiência que nos expõe, ultrapassando-nos.

ce nem ao tempo, nem ao espaço. Obedece, sim, às leis de funcionamento da linguagem, que também regem o inconsciente" (Mota, 1995, p. 139).

Assim, qualquer unidade presente na escrita infantil deve ser interpretada como feixe de relações, como representações, ou seja, como significantes (cf. Mota, 1995). Essas unidades emergem como efeito das múltiplas impressões proporcionadas pelos textos em que a criança circula, colocadas em relação com os feixes de representações que se inscreveram nos estratos da memória.

Os processos metafóricos e metonímicos em jogo nas manifestações das escritas analisadas revelam os destinos das representações psíquicas: movimentos progressivos e regressivos, impasses e repetições, transformações, transposições, deformações, vinculadas a um jogo que escapa ao controle do sujeito. Dessa maneira, uma única representação pode substituir diversas cadeias associativas e formar elementos novos; e a intensidade de uma representação pode, no deslocamento, passar para outras representações ligadas em rede associativa.

A entrada da criança na escrita depende da relação da criança com os textos escritos; mas o que fica dessa relação são traços, não havendo, nesse sentido, primeiro desenho e depois escrita. É mítico supor a anterioridade do desenho em relação à escrita, uma vez que o que se encontra na memória são traços e não signos de uma presença em si, por si. Assim, entendemos que as produções infantis apresentam-se governadas por uma lógica outra, revelando-se sobredeterminada pelo complexo heterogêneo de traços mnêmicos que estruturam os substratos mentais; são, portanto, efeitos de processos inconscientes.

Por essa via de reflexão, podemos sustentar que o desenho e a letra não têm seu valor dado de antemão. O estatuto é determinado em sua relação com os termos que o sucede e o precede na cadeia em que se insere, constituindo-se como desenho ou letra por retroação, em sua articulação na cadeia de significantes. Na emergência de uma possibilidade de leitura, outra é excluída, é recalçada, uma vez que um significante só pode se expressar na alternância, a partir de uma sincronia fundamental.

Quando algo novo apresenta-se para o sujeito, um processo associativo se instaura, promovendo um mergulho na memória a fim de (re)encontrar material mnêmico que possibilite a interpretação desse novo; mas o que o sujeito (re)encontra nesse mergulho, não é o idêntico, o mesmo, que incitou o seu movimento de busca – há dissimetria. O material mnêmico (re)encontrado permite a (re)articulação desse novo em uma série, possibilitando descobrir

tas que se dão na (ultra)passagem dos tempos lógicos – ver, compreender e concluir na dimensão da sincronia.

Na escrita do nome de GL, a letra "R" era esperada, mas em seu lugar emerge um significante que evoca tanto a figura humana de seus desenhos como a letra "R" propriamente dita; paradoxalmente desenho e letra, indicando seu destino de vir a ser letra e, num mesmo movimento, convocando uma relação familiar entre os significantes da cadeia.

Esta figura um tanto quanto enigmática que se presentifica como letra "R" na cadeia do nome de GL não foi forjada deliberada e conscientemente; é efeito de uma operação que escapa ao sujeito, ultrapassando-o e irrompendo em sua escrita. Note-se que a conexão estabelecida entre desenho e letra, tomados como significantes, se dá pela via do traço e este não está ligado ao som, mas à escritura. A figura que a criança realizou pode, então, ser considerada como produção manifesta de uma escritura latente a ser decifrada.

Assim, contrariamente ao que faz imagem e que se pode compreender, esta espécie de plasticidade simbólica representativa da cifragem literal apresenta-se como enigma a ser decifrado; decifragem esta que escapa a uma sucessão que reduz a escrita da criança a produto de um processo de desenvolvimento, uma vez que a diacronia da escrita apresenta-se submetida à sincronia das redes associativas.

## Referências bibliográficas

- BOSCO, Z. R. *No jogo dos significantes, a infância da letra*. Dissertação de Mestrado em Linguística. IEL/UNICAMP, 1999.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979/86.
- FREUD, S. A carta 52. In: MASSON, J. M. (ed.). *Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- LEMOS, C. T. G. Os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança? *Substratum*, Porto Alegre, Artes Médicas, v. 1, n. 3, 1992.
- MORAES, M. R. S. *Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua*. Tese de Doutorado em Linguística, IEL/UNICAMP, 1999.
- MOTA, S. B. V. *O quebra cabeça: a instância da letra na aquisição da escrita*. Tese de Doutorado em Psicologia da Educação, PUC-SP, 1995.
- PEREIRA DE CASTRO, M. F. Língua materna: palavra e silêncio em aquisição da linguagem. In: *Silêncio e luzes: sobre a experiência psíquica do vazio e da forma*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.